

“A CIÊNCIA NÃO PENSA” – A CRÍTICA HEIDEGGERIANA E SUA PROPOSTA

Luís Fernando Crespo
Universidade Brasil

Resumo: A reflexão heideggeriana sobre o homem toca os diversos âmbitos que afetam seu existir. A ciência, de modo especial, estabelece um modo segundo o qual toda a existência deve ser pensada, na proposta de uma realização do homem por meio de um conhecimento verdadeiro. Heidegger mostra que o pensar científico não alcança a plenitude do conhecimento e acaba, por meio do pensar calculador, ocasionando o desenraizamento do homem de seu mundo. Este artigo versa sobre tal problemática, encerrando com a apresentação do caminho proposto pelo filósofo, a saber, o pensar meditativo, pela via do poético.

Palavras-Chave: Heidegger; Ciência; Pensamento Calculador; Pensamento Meditativo.

Abstract: Heidegger's reflexion on man touches the various spheres that affect his existence. Science, in a special way, establishes a way by which all existence must be thought, in the proposal of a realization of man by a true knowledge. Heidegger shows that scientific thinking does not reach the fullness of knowledge and ends, through the calculating thinking, causing the uprooting of man from his world. This paper deals with this problematic, ending with the presentation of the path proposed by the philosopher, namely, meditative thinking, through the poetic.

Keywords: Heidegger; Science; Calculating Thinking; Meditative Thinking.

INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo é marcado pela ciência: o modo de pensar, os instrumentos, a experimentação como método, a técnica para alcançar os objetivos, a tecnologia como aplicação prática; todos estes são elementos que se apresentam como base para o desenvolvimento científico ou consequência dele. De certo modo, podemos perceber que a ciência é a responsável por moldar aquilo que é o mundo, por conta do prestígio e confiança conquistados ao longo do tempo. Neste moldar, os entes se apresentam – ou são apresentados – de acordo com o que lhes é permitido, e a pergunta que devemos fazer é sobre o quanto o olhar científico leva à desconsideração de algo que ainda possa restar depois do cálculo que a ciência faz. “Cálculo”, aqui, é entendido como o tipo de pensamento próprio da razão no modelo que satisfaz as necessidades da ciência. Ciência e técnica não são equivalentes – bem o sabemos; mas,

neste texto, não objetivamos tratar das definições no detalhe, mas sim, perceber as características do pensamento calculador, que sustenta as duas.

Falar sobre a ciência, tomando por base a filosofia heideggeriana, não é algo novo. Tendo trabalhado de modo específico o tema da ciência (ou temas que tocam diretamente a ciência e seu fazer), Heidegger se mostra como autor que contribui sobremaneira para o entendimento do homem contemporâneo sobre o mundo que o cerca – considerando-se que a relação entre homem e mundo se dá, quase que em totalidade, pela mediação da ciência (mesmo que indiretamente, por um tipo de razão característico do fazer científico).

A ciência marca o mundo contemporâneo de modo singular – isto se dá de modo constante, desde séculos, mas, na contemporaneidade, a influência e a modificação são incisivas, levando a modificações da realidade sequer imaginadas e cujas consequências podem ser temidas pela tamanha força adquirida. Trata-se de um tema que não pode ser desconsiderado quando se intenta compreender o homem em seu existir.

Por certo, a filosofia contemporânea seria completamente outra sem Heidegger, e entendê-la constitui uma tarefa que não pode prescindir, em absoluto, de uma leitura cuidadosa de sua obra. Eis por que a literatura secundária sobre Heidegger tem dimensões inusitadas. A compreensão adequada do mundo atual, com suas crises e seus dilemas, bem como a reflexão sobre o seu futuro problemático, simplesmente não devem abrir mão de um sério enfrentamento com Heidegger (GIACOIA JUNIOR, 2013, p.44).

Dizer que Martin Heidegger (1889-1976) tenha vivido um período marcado por grande desenvolvimento científico é afirmação quase vazia, pois todos os períodos da história são marcados deste modo. Embora de maneiras diferentes ao longo do tempo, é possível observar, em todas as épocas, o desenvolvimento de uma reflexão sobre o funcionamento do mundo e a consequente criação e aprimoramento de instrumentos e técnicas que pudessem moldar tal mundo àquilo que fosse a necessidade humana. Ao olharmos para a história da ciência, podemos confirmar as inúmeras descobertas que sempre ocorreram – algumas de conhecimento e influência maiores e outras que ficaram dentro do respectivo âmbito (nem por isso estas últimas podem ser consideradas menores).

O que, então, há de singular no contexto do autor? Devemos lembrar que, diferentemente de épocas anteriores, a velocidade nos resultados das aplicações científicas foi aumentada não apenas por um acúmulo natural de conhecimentos que se

dá com o passar do tempo, mas por algo que vem da divulgação de tais conhecimentos, possibilitando maior contato com conteúdos e diálogo com pesquisadores. Fora tal fato, algo que entendemos marcar a problemática heideggeriana é o modo como a ciência modifica as relações do homem com o mundo e, propriamente, com o ser. Heidegger (2000, p.19) fala do “poder oculto na técnica contemporânea [que] determina a relação do Homem com aquilo que existe”.

OS ALCANCES DO PENSAMENTO CIENTÍFICO

O mundo passou a ser entendido no modo como podia ser conhecido e, já que a ciência alcançava determinado sucesso em seu método, significava olhar o mundo apenas por meio das lentes da ciência, como se ela fosse o caminho até a verdade. Se fizemos uma analogia, uma peça teatral pode bem representar o que dizemos: a ciência criou um cenário de entendimento, dentro do qual as coisas podem aparecer. Imaginando-se o homem (em sua busca pelo conhecimento da verdade) como espectador, ele vem assistir à apresentação do que seja o mundo, buscando entender melhor as coisas no modo como aparecem. A ciência dirige tal apresentação e põe no conjunto da cena apenas o que ela pode conceber, e tudo o que for apresentado o será dentro unicamente das possibilidades dadas.

Mas algo que possa “ir além” da experiência construída pela ciência, deveria, em tal contexto, adequar-se para entrar em cena, vestida no que lhe é, ali, possível; a realidade teria de se adequar, ou não entrar em cena. “Todo novo fenômeno numa área da ciência será processado até enquadrar-se no domínio decisivo dos objetos da respectiva teoria”. (HEIDEGGER, 2001c, p.49) Neste sentido, o cientista acaba como o responsável pelo conhecimento verdadeiro, alguém que pode determinar os caminhos de pensamento do homem e determinar o que é a própria realidade. Se o cientista é o responsável e o que determina, ao homem comum resta apenas seguir no pensamento (im)posto.

O contexto é o de uma realidade de fundamentação científica; só pode ser verdade se a ciência atestar. Tal situação apenas se sustenta por meio de uma maneira específica de se referir ao próprio mundo; dizendo de outro modo, foi necessário o estabelecimento de uma linguagem que seguisse os ditames da razão científica. O ente aparece enquanto existente e, quando nomeado, vigora no mundo do homem. A ciência arrogou para si as condições de nomear, observando e dizendo das possibilidades de aparecimento. A fala da ciência pretende ser a fala da verdade e sua linguagem é criada para dar conta do

esquema de mundo que o pensamento científico estabelece – um “esquema pré-concebido, ao qual a natureza se tem que conformar”. (FOLTZ, 2000, p.87)

A linguagem utilizada por Heidegger (por sinal, muitas vezes criticada) não se nos aparece como qualquer tentativa de esoterismo filosófico, mas como a possibilidade de questionamento do cenário teatral que indicamos acima. O modo como o autor se relaciona com a linguagem é expressão e necessidade do que desenvolveu sobre o próprio tema da linguagem. A linguagem é o que permite o contato com o mundo e com o ser; “no pensamento, o Ser se torna linguagem.” (HEIDEGGER, 2009, p.24) Antes de um falar, a linguagem é, propriamente, um mostrar-se.

Entendemos a filosofia heideggeriana como o desmonte da realidade, revolvendo aquilo que sustenta o pensar científico – o autor o faz por meio de uma reflexão que se opõe ao modo como a ciência estabelece um mundo e a maneira a partir da qual tal mundo deveria ser medido. A fala estabelece medida. A ciência estabelece uma medida, atribuindo um sentido ao próprio existir; mas ela não dá cabo da questão sobre o próprio sentido. A proposta da filosofia de Heidegger não é a de que se devesse rechaçar a ciência, mas sim a de que seja revista a ideia de ciência como um tipo de saber pleno; o homem não pode se perder na ciência e com os artefatos da ciência, devendo saber criar um distanciamento. O que o autor tenta é “desconstruir a tradição metafísica com vista à preparação de outro sentido primordial do ser – tal como para uma compreensão de diferentes tipos de entes que é mais fiel aos próprios fenômenos”. (FOLTZ, 2000, p.45)

A ciência avança e conquista confiança; com isso, ao longo do tempo, o medir científico passou a receber uma valoração que excede às suas possibilidades, já que ela depende dos instrumentos dos quais dispõe para conhecer, e todo instrumento é sempre aperfeiçoável. Mas dentro do próprio âmbito científico, enfrentando o rigor e na defesa de um posicionamento, surge, cá e acolá, o questionamento. O exemplo que trazemos é o do astrofísico brasileiro Marcelo Gleiser (2014, p.15), ao afirmar que:

ao alinhar a ciência com a falibilidade e a inquietude humana, os limites do conhecimento e da visão científica de mundo contribuem de forma essencial para a riqueza de nossa busca por sentido e para uma compreensão mais profunda da questão humana e dos dilemas da existência.

Gleiser (2014) usa a imagem de uma ilha, dizendo que o conhecimento é uma ilha em meio a um oceano, que seria o incognoscível gigantesco. Quanto mais se conquista em conhecimento, mais se torna perceptível o desconhecido – na verdade, maior este se

torna. Tal compreensão mostra que o incognoscível cresce proporcionalmente ao crescimento da ilha; assim, quanto mais se alcança do mundo, aumenta o inalcançável. Tal reflexão pode vir do âmbito da ciência ou da filosofia, mas nem sempre toca o modo de entender do homem comum, que aprendeu a falar o mundo em linguagem científica. Significa entender que estas reflexões nos fazem perceber que a reflexão que ocorre no centro nem sempre chega à periferia, de quem apenas se utiliza do que a ciência produz do mundo.

Quando falamos do contato que o homem tem com a ciência, podemos perceber que a concepção comum é de quem apenas fica nesta periferia – âmbito no qual estão as descobertas científicas para aplicação na realidade; falamos do produto da ciência que acaba petrificado, por exemplo, nos livros. Isto fica claro e tem os questionamentos esmiuçados em toda a primeira seção de *Introdução à Filosofia* (HEIDEGGER, 2008a). Apenas a estaticidade do produto da ciência permite sua utilização pelo homem, considerando-se que concepções movediças não poderiam ser tidas como dotadas de verdade para falar do mundo e nele intervir. Este fato, para quem apenas se utiliza do produto, leva à ideia de que a ciência seja, unicamente, o que ela produz. A crítica se apresenta como importante, então, como o que ataca esta superficialidade do pensamento sobre a ciência.

CIÊNCIA E PENSAMENTO CALCULADOR

Fazer a crítica da ciência não nos faz cair na ingenuidade de uma demonização do âmbito científico. “O que importa é antes defrontar-se com os limites da ciência, em meio à iluminação de sua essência, a fim de encontrar na delimitação algo diverso”. (HEIDEGGER, 2008a, p.43) A constatação é a da incompletude de um pensamento parcial: a experiência de mundo junto à ciência permite apenas um tipo de pensar, que Heidegger chamou de *calculativo*; o filósofo não o desmerece, entendendo ser um tipo de pensar que se faz, também, necessário. “Existem, portanto, dois tipos de pensamento, sendo ambos à sua maneira, respectivamente, legítimos e necessários: o pensamento que calcula e a reflexão (*Nachdenken*) que medita”. (HEIDEGGER, 2000, p.13) Para o autor, além de se calcular a realidade, o homem deve meditar sobre ela.

Para calcular, são necessários um tipo de cálculo, uma medida e objetos. Mas algo que não é tomado pela consciência comum é o fato de que “qualquer tecnologia de medição ou detecção tem alcance e precisão limitados (...). Não existe uma medida exata

(...). *Não existem medidas perfeitas, sem erro.*” (GLEISER, 2014, p.17) Esta falta de consciência faz equivalerem ciência e verdade. Buscando uma imagem para o que dizemos, podemos falar do pensar calculador/objetificador como aquele que enxerga o mundo dentro de uma área plana: será pensado e considerado o que estiver dentro de seus limites. Temos, em tal situação, a demarcação de possibilidades para o ente, dentro do que permite a razão no modelo científico – fora deste âmbito, não haveria conhecimento verdadeiro. A delimitação traz ao homem a ideia de que ele domina o que pode ser pensado, tendo nas mãos o ente em sua totalidade. O que escapa deste pensar cai na desconsideração; mas o que está “além” dos parâmetros permanece. Há sempre “algo além” do apreendido no presente das coisas: a cada momento, elas se apresentam com elementos não apresentados anteriormente.

Este cálculo caracteriza todo o pensamento planificador e investigador. Este pensamento continua a ser um cálculo, mesmo que não opere com números, nem recorra à máquina de calcular, nem a um dispositivo para grandes cálculos. O pensamento que calcula (*das rechnende Denken*) faz cálculos. Faz cálculos com possibilidades continuamente novas, sempre com maiores perspectivas e simultaneamente mais económicas. O pensamento que calcula corre de oportunidade em oportunidade. (HEIDEGGER, 2000, p.13)

O homem não tem o domínio das coisas que se manifestam e, deste modo, acaba tendo de acompanhar o dar-se da natureza (o dar-se do ser no ser das coisas); mesmo com o que o homem fez de si ao longo do tempo, a realidade escapa de suas mãos e ele resta tendo de se fazer neste “turbilhão” dos entes. Ele não tem o domínio total (situação de insegurança, diante daquilo que excede suas capacidades), mas entende que a ciência seja caminho para isso. Para Heidegger a concepção científica da realidade é possibilitada pela realização de um projeto, a saber, da metafísica tradicional, mas a “tradição que assim se faz dominante, em vez de tornar acessível de pronto e no mais das vezes o que ela ‘transmite’, ao contrário, encobre-o”. (HEIDEGGER, 2012, p.85)

A filosofia, como metafísica tradicional, considerou as coisas apenas em seu presente; ou seja, elas se revelariam plenas no que o homem pode delas apreender. Neste sentido, significa entender também que o próprio ser teria se dado plenamente nas coisas, pois nada restaria além do presente delas. A manifestação do ser seria, assim, entendida como plena, em um presente a partir do qual poderia ser conhecido o mundo em si mesmo. Em tal consideração, o ser já se teria revelado verdadeiramente, levando à concepção de que sua problematização se configuraria como questão trivial, já que o ser se mostraria como conceito universal em grau máximo, não sendo definível e podendo ser entendido

por si mesmo. (Cf. HEIDEGGER, 2012, §1) Revelou-se aí, o desejo de plena objetividade com aquilo que se mostra – potencializado pelo fazer científico, no intento de conhecer integralmente aquilo que se dá.

A ciência forja a realidade, com uma experiência que apenas pode ocorrer dentro dos parâmetros estabelecidos, dentro de uma pré-concepção que entende os entes apenas em seu estar-à-mão primeiro. Seria a ciência o caminho a levar o homem a uma experiência junto às coisas que pudesse ser chamada de genuína? Mesmo sem certeza, foi assumido assim; por isso é que o discurso da ciência é tomado sempre como o primeiro, o mais confiável. Para Heidegger, a ciência moderna – e, conseqüentemente, a técnica e a tecnologia – é o ápice, na realização do citado projeto da tradição. A natureza seria aquilo que “vemos” (olhar científico) dela – para que esta visão seja possível, instrumentos cada vez mais potentes são desenvolvidos, considerando que a visão do homem permite a percepção de uma realidade mediana, não alcançando o o infinitamente grande (função do telescópio) nem o infinitamente pequeno (função do microscópio). Todo instrumental é desenvolvido com a intenção de que os entes apareçam de modo pleno, por meio da técnica (*Technik*) – esta, que é “uma forma de desencobrimento [*Entbergen*]” (HEIDEGGER, 2001b, p.17) –, e possam ser vistos, por meio da tecnologia. Deste modo, a questão do ser passou de problema, com os gregos antigos, para auto-evidência (como “presença constante”, o ser estaria totalmente nas coisas).

Falamos da ciência, não em seus ramos particulares (embora os exemplos permitam perceber as ideias em uso prático), mas como uma maneira de se enxergar e interpretar o mundo – como se este fosse pronto e disponível para ser descoberto. O mundo, por meio das lentes da ciência, apenas acontece dentro de um conjunto de leis, fora das quais os entes não podem ser considerados – trata-se de um filtro pelo qual os entes devem passar, moldando-se à medida estabelecida. Neste sentido, “cada ‘ciência’ é um conhecimento de dominação, um sobrepujar e um ultrapassar, quando não simplesmente um passar por cima do ente. Isso se realiza no modo da objetivação”. (HEIDEGGER, 2008b, pp.16-17). Neste modo de se fazer – com força de constrangência –, o mundo não aparece como natural, mas sempre já algo que deve ser interpretado (e tomado nas mãos) de um modo específico, previamente determinado. O ente deixa de ser ente e passa a ser, unicamente, objeto de conhecimento pré-destinado a fins específicos.

Na objetividade da natureza, que corresponde à objetivação da física, reina um incontornável em duplo sentido. Quando conseguimos vê-lo e

pensá-lo mais ou menos numa ciência, nós o percebemos com mais facilidade em qualquer outra (HEIDEGGER, 2001c, p.53).

A objetividade (*Gegenständigkeit*) da natureza é o que a ciência pretende alcançar de modo completo; é tornar a natureza plena em objeto, abarcando seu manifestar em toda e qualquer situação na qual se apresente. Deste modo, poderia a ciência falar com plena segurança sobre as coisas que se dão, pois o entendimento esgotaria aquilo que tais coisas são. Isso ocorre com a ciência; ou seja, o autor indica que as ciências particulares seguem um mesmo modo de se relacionar com o mundo. Mas um elemento se nos aparece de modo significativo, exigindo que nos debruçemos sobre ele: o incontornável (*das Unumgängliche*).

Incontornável é aquilo que não permite contorno, no sentido de “contornar” como o ato de “dar contorno a algo” – neste caminho, seria a impossibilidade de que este algo recebesse um contorno, o que impossibilitaria a delimitação do ente e, conseqüentemente, sua definição (é dizer que, mesmo na tentativa de fazer da natureza pleno objeto a ser observado e considerado, há “algo” que não pode ser abarcado pelo pensamento e pela fala da ciência). Incontornável é o que não permite ser deixado de lado, não havendo possibilidade de desvio; neste caso, o incontornável é aquilo que vai permanecer, mesmo que seja como incógnita, por conta da incompletude do pensamento calculador, mas não pode ser rechaçado (significa que a ciência sempre se depara com aquilo que ela não dá conta de conceber, mas que sempre terá de considerar).

Enfim, incontornável, para a ciência é aquilo que não permanece o mesmo, dando-se e se retraindo, levado pelo próprio ser – é o que está lá, sem desvio, mas não é abarcável pela ciência. Mesmo com todo esforço de enquadramento da natureza em uma determinação qualquer, ela escapa e se faz nova. Incontornável é o ser, que permanece, dando-se e retraindo-se nos entes; isto nos leva a entender que a “auto-retenção ou auto-retirada pertence ao próprio *ser* da natureza produtiva; é o que permite à natureza ser algo ‘em si mesma’ em vez de ser meramente ‘para nós’ na sua utilidade”. (FOLTZ, 2000, p.60) Vale ressaltar que já é utilidade da natureza o servir como objeto para o homem na busca de conhecimento sobre o mundo – isto ocorre quando o homem se utiliza de um ente natural não como fim último da pesquisa, mas como elemento necessário para o desenvolvimento dela.

“A ciência põe o real” (HEIDEGGER, 2001c, p.48) enquanto âmbito da vigência, ou seja, determina o cenário no qual a natureza pode ser natureza – e o faz, na tentativa

de encontrar (estabelecer) uma explicação que seja universal. No ato de por o real, a ciência deve lidar, de algum modo, com o incontornável, e ela o faz tentando enrigecê-lo. Para ser ciência, a razão congela a realidade, pois o cálculo não seria possível na consideração de um objeto que não se deixa agarrar pelas mãos. Neste sentido, a natureza deixa de ser algo em si, passando a ser apenas representação: os entes são categorizados a partir de padrões de manifestação que, sendo estabelecidos, regem a mensuração de todos os entes.

Heidegger (2001e, pp.122-123) afirma: “O caráter fundamental do pensamento é o representar [*Vorstellen*]. No representar, desdobra-se o perceber [*Vernehmen*]. O próprio representar é re-apresentação [*Re-Präsentation*]”. Pensar é representar; e podemos dizer que esta representação é uma re-apresentação, já que a natureza se apresenta por si mesma enquanto existe. O pensamento calculador re-apresenta a natureza dentro dos padrões racionais da ciência; este fato pode ser observado no modo como a natureza é posta diante do pensamento. Por exemplo, costumeiramente se fala que leis científicas são “descobertas” – significaria que tais leis estariam encobertas, talvez por conta da incapacidade humana, que dependeria de estágios conceituais, entendendo que um conceito complexo depende de ideias já desenvolvidas anteriormente. Caso fosse verdadeira tal ideia, o mundo traria em seu âmago o mesmo princípio da racionalidade humana; porém, poderíamos enxergar um problema pontual, ao considerarmos que a racionalidade é manifestação de um ente que surgiu em determinado contexto (tempo-espaco). O que seria afirmar o princípio racional antes do surgimento da racionalidade, por meio do único ente dotado dela e capaz de expressá-la?

Falar, então, de leis “descobertas”, significaria entender que elas já existiriam e que o universo a elas obedeceria – daí o esforço humano, que fosse progressivo, conquistando cada vez mais a capacidade de conhecer tais leis. Mas o universo (a natureza, a existência, o ser) não obedece à racionalidade; a natureza não se conforma à lei – motivo pelo qual a verdade científica é relativa (pode ser que sua validade se dê apenas em um contexto que a própria ciência determina). O cientista é quem sempre estabelece a lei, formulada com base em um conjunto de ideias que já sejam aceitas em seu âmbito – a busca dele é pelo modo de organizar as ideias que permita falar dos entes da maneira como eles aparecem; quando o cientista encontra a palavra que consegue expressar sua experiência de racionalidade junto ao mundo, ele a transforma em lei. Bem sabemos não se tratar de algo simplista, mas, aqui, apenas queremos ilustrar o problema do qual tratamos.

A razão científica lança os entes em um lugar comum, que é a consideração de que eles simples e plenamente estão aí, dando-se ao conhecer humano. Trata-se de uma uniformização do espaço de entendimento, para que um mesmo tipo de pensamento (calculador) abarque a realidade toda. É um círculo vicioso: um ambiente controlado, no qual a experiência de mundo é montada e nunca natural – significa fazer do mundo um grande laboratório, no qual deve se dar a experiência desejada para confirmação de um entendimento que se tem do próprio mundo (entendimento que vem da própria razão científica).

A ideia de um mundo plenamente cognoscível traz não apenas a capacidade humana de conhecer, mas o mostrar-se das coisas que compõem o real: elas devem ser cada vez mais transparentes, dando-se integralmente ao homem, na experiência que ele faz delas. Para que isso seja possível, então, a razão (nos moldes da ciência) constrói uma interpretação das coisas que passa a ser entendida como a verdade das próprias coisas. Imageticamente falando, se a interpretação fosse uma máscara das coisas, a razão científica toma a máscara como sendo a coisa. A ciência mascara a realidade; e o sentido disso reside no fato de que a ciência crê ter condições de conhecer o “todo” – pelo menos, é o todo construído por ela mesma.

Em tal situação e, se tomarmos a concepção de que o ser que se dá no aparecer das coisas (um clarão que se dá e se apaga logo em seguida), perdemos algo dos entes, do aparecer e do próprio ser; “a interpretação dos entes como simplesmente presentes obscurece as formas de ser que pertencem aos diferentes domínios dos entes”. (FOLTZ, 2000, p.45) A uniformização do espaço não permite o aparecer dos entes, mas temos de lembrar que tal uniformização é necessária para a produção do conhecimento científico. A uniformização não é apenas do espaço no qual deve se dar a experiência, mas também – e, de modo especial – da própria direção a ser seguida; significa dizer que, mesmo com as especificidades de cada ramo científico, tal caminho é único.

Em *A coisa*, Heidegger (2001a, p.144) diz: “Tudo está sendo recolhido à monotonia e uniformidade do que não tem distância”. Não tem distância, não tem separação, não tem diferenciação: é permitido um único tom de manifestação dos entes – o que, por sua vez, afasta sempre mais o homem da experiência com o ser. Estabelecer um único caminho, único tom, único modo, é delimitar o horizonte de manifestação do ser.

A celebrada objectividade da ciência dissolve a própria natureza na sua própria representação (*Vorstellung*) da natureza precisamente através

da sua determinação como um objecto (*Gegenstand*), como algo cuja estância deriva da sua contra-relação com um sujeito. (...) [O] objecto científico é colocado ou posto (*stellt*) diante do sujeito pelo sujeito; não está ali por si. Além disso, este objecto é feito para estar contra (*gegen*) o sujeito; a sua presença não é natural e indiferente, tal como acontece com o ente que está meramente presente, mas sim de confrontação com o sujeito (FOLTZ, 2000, p.87).

“Conceituar” significa “delimitar” algo em uma definição que, por consequência, já determina um modo de existir; no conceituar, já se diz o que um ente pode ser. A concepção que se tem da natureza como objeto dirige as possibilidades de conhecimento e, conseqüentemente, permite diferentes modos de relação entre homem e mundo. A ciência calcula – permite apenas uma relação de conhecimento, na qual o ente se dá ao homem como objeto pronto para ser conhecido. No alemão, há dois termos para “objeto”: *Objekt* (derivação do termo latino *objectum*) e *Gegenstand*. Heidegger fala do objeto da ciência como *Gegenstand*. Encontramos a raiz de *stand* no verbo *stehen*, representando aquilo que está parado, posto em pé, é o que fica, é o determinável. O termo *gegen* é a preposição “contra”, indicando aquilo que está “oposto a...”. Neste sentido, *Gegenstand* fala d“aquilo que é determinado e está posto em contraposição a”.

O ente em sua totalidade (natureza) é objeto do pensar da ciência que se expressa, de modo singular, na técnica. Em *A questão da técnica* (HEIDEGGER, 2001b), o pensador explana sobre a mudança da técnica – algo que, para os gregos antigos, era a produção a partir do dar-se do ente, até a modernidade, sendo o forçar o ente a aparecer de determinado modo, realizando-se como “exploração da natureza, o empreendimento planejado e calculado que atua sobre o meio natural como um fundo permanente de recursos que são extraídos, modificados e armazenados nos circuitos socioeconômicos contemporâneos”. (ABDALA, 2017, p.109) Quanto mais tal concepção vigora, maior é o hiato entre o homem e os entes.

Por meio do pensar calculativo, o homem consegue pensar a si próprio como parte da natureza apenas tangencialmente, como se o existir humano a tocasse por necessidade, por fazer parte de uma mesma existência material. Os entes são puramente objetos: eles são postos diante do homem. Possibilidade diversa, seria o homem se postar diante dos entes, no sentido de receber a existência destes do modo como se apresentam, sem qualquer tipo de sujeição. A reflexão heideggeriana se encaminha para este segundo cenário.

O PENSAR CALCULADOR COMO ESTABILIDADE DIANTE DA ANGÚSTIA

Apresentamos diversos elementos que nos auxiliam a pensar a relação do homem com o ente em sua totalidade, como natureza. O pensamento que segue o modelo científico altera a relação que o homem estabelece com o mundo. Mas é importante ressaltar que as alterações vão além, tocando a relação que o homem tem consigo, em seu próprio existir. O questionamento se volta para o que o homem é:

a pergunta acerca da essência da ciência nos impele a uma meditação fundamental. Se, como afirmamos, a ciência é um dos poderes de nosso ser-aí, então ela não apenas o determina, mas, como tudo o que é essencial, ela traz uma in-quietude específica para o cerne do ser-aí (HEIDEGGER, 2008a, p.28).

Ser-aí é o modo específico de ser do homem – é o único ente capaz de se colocar a pergunta sobre o ser, sobre o sentido do existir. O trecho citado indica que, ao se perguntar sobre o mundo marcado pela ciência, não podemos fugir de um confronto com questões relacionadas à vivência humana em si mesma – significa buscar entender o modo como o existir deste ente é afetado. O tema que se coloca como central, neste ponto da reflexão é o da impessoalidade. (Cf. HEIDEGGER, 2012, §25-27)

Apresentado em *Ser e tempo* o tema da impessoalidade mostra de que modo o homem, ao invés de assumir seu existir em um contexto determinado (do qual deve dar conta em suas contradições), acaba se perdendo em meio aos demais entes, humanos ou não. Neste sentido é que o pensar calculador corrobora a perda de si do ser-aí: ao tentar tomar nas mãos o ente em sua totalidade, se vê na necessidade de produção que nunca termina

Isto acontece por que o perder-se em meio aos entes, no cotidiano, faz com que o homem não tenha de enfrentar a angústia (*Angst*) de seu existir. Trata-se da angústia da própria finitude, já que ele é o ente que tem a consciência de que seu existir tem um tempo para se realizar; a angústia é a de que o fim chegue e o homem ainda não tenha sido o que permitem suas possibilidades. Quais e quantas são tais possibilidades? A inumerabilidade delas agravam a angústia do existir. Mas, no contexto da produção da era tecnocientífica, a angústia é afastada quando o homem tem apenas de calcular a realidade e fazer com que os entes se deem em produção, sem meditar sobre seu sentido. “[A] expansão contemporânea da impessoalidade [pode ser articulada] à busca humana por uma

estabilidade que nos afasta da angústia inerente à responsabilidade pelo *poder ser* que inevitavelmente acompanha o *ser-aí* (...).” (ABDALA, 2017, p.130)

O NÃO-PENSAR DA CIÊNCIA E A NECESSIDADE DE UM NOVO PENSAR – O POÉTICO

Ao tratar especificamente do pensamento em *O que quer dizer pensar?*, Heidegger (2001e, p.115) afirma que “a ciência não pensa”. Como já indicado, não significa dizer que não haja pensamento algum na ciência, que seria totalmente vazia; a ciência não pensa, mas ao modo como o fazem os pensadores (a quem cabe pensar). Na ciência, o pensamento separa para demonstrar e, diante disso, Heidegger aponta para um pensar que ele entende como mais genuíno, em uma experiência mais integradora da realidade e que possa abarcar mais do ente.

Há, então, a necessidade de um pensamento que reflita “sobre o sentido que reina em tudo o que existe” (HEIDEGGER, 2000, p.13). Em primeiro lugar, porque o pensamento calculador, não dando conta de pensar a não fixidez da existência, acaba por rechaçar – e rechaça algo que nem podemos dizer ser “muito”, pois sequer temos base conceitual para pensar elementos como o inominável ou o incomensurável. Um novo pensamento seria a possibilidade de resgate do homem do abismo no qual se perdeu ao tentar delimitar o ser que se dá nos entes; resgate da situação de “perda do enraizamento” (Cf. HEIDEGGER, 2000, p.17); deve ser um pensar que force a razão a se libertar dos padrões estabelecidos, não deixando de ser racional, mas pautado em racionalidade diversa, integradora e não excludente. É a tentativa de encontrar caminhos mais amplos para que o mundo seja pensado.

Já que o pensar calculador foi entendido, até aqui, como baseado na metafísica tradicional, deve restar clara a ideia de que Heidegger vai propor uma superação; já em *Ser e tempo*, o autor indicara tal necessidade, ao falar da “tarefa de uma destruição [*Destruction*] da história da ontologia”. (HEIDEGGER, 2012, §6) Abdala (2017, p.119) fala que o pensador alemão “define seu diálogo com a tradição como o processo que revela a essência da metafísica e, concomitantemente, estabelece a necessidade de sua ultrapassagem (...) [pretendendo] atingir o impensado da metafísica”.

Ciência e pensamento não se equivalem – embora esta possa ser ideia comum. Uma possível confusão se dá pelo modo como a comunidade científica apresenta seu âmbito: cheio de conquistas que poderiam garantir a confiança do homem cotidiano. E a

ciência conquista isso – conquista e plenifica seu modelo de razão na técnica. Heidegger chama de filosofia aquilo que a tradição metafísica legou ao homem; o que ele propõe é o que vai “além” e chama de pensamento. Do modo como indicamos “cheio de conquistas”, o homem intenta conhecer a realidade e, nela, estabelecer seu mundo; mas, por meio do pensar calculador, o hiato homem-mundo aumenta. Daí, a utilização de um verso da poesia de Hölderlin como afirmação de um novo pensar: “Cheio de méritos, mas poeticamente / o homem habita esta terra”. (HEIDEGGER, 2001d, p.168)

Além da filosofia (tradição) há o pensamento, como experiência similar à realizada pelos pensadores no início da filosofia. O que cabe ao pensamento quando chegamos ao fim da filosofia como plenificação do projeto metafísico da tradição? Resta aquilo que ainda não foi tomado em consideração, o elemento esquecido ao longo do tempo: o ser em sua revelação. Entendendo que o ser “é cada vez o ser de um ente” (HEIDEGGER, 2012, p.51), o novo pensar deve permitir nova relação do homem com os entes.

Para Heidegger, pensar é, já, agir. Portanto, a proposta de um novo pensar é a proposta de uma nova maneira de estar – trata-se de nova postura do homem diante do existir; é o estar do homem diante do ente em sua totalidade. Para o novo estar, o movimento deve se dar em dois sentidos: de aproximação dos entes e de afastamento do produto da técnica. À nova postura, o pensador deu o nome de “serenidade” (*Gelassenheit*). O que permite a serenidade é o pensar meditativo e poético – enquanto o pensamento calculador quer o ente transparente, o poético se põe diante do ente, simplesmente.

A poesia não é aqui retratada em termos de verso, rima ou métrica, nem nada de literário. Ao contrário, representa uma possibilidade fundamental do *Dasein* enquanto tal. (...) [É] de facto através do poético que a natureza primordial é encontrada da forma mais completa (FOLTZ, 2000, p.70).

A postura “serenidade” não implica o abandono da vida na sociedade tecnológica contemporânea. Como dizemos, trata-se de uma postura que é assumida na tentativa de fazer com que o homem possa estar enraizado em seu mundo sem se perder nas exigências que lhe são impostas por conta do pensar calculador; “[p]odemos utilizar os objectos técnicos e, no entanto, ao utilizá-los normalmente, permanecer ao mesmo tempo livres deles, de tal modo que os possamos a qualquer momento largar”. (HEIDEGGER, 2000, p.23) O estar diante dos entes sem a obrigatoriedade de fazer com que eles estejam sempre

à disposição é parte deste estar liberto – a serenidade é expressa no deixar-ser (*sein-lassen*).

A proposta de uma postura como a indicada traz certas exigências ao homem – exigências que, primeiramente, são de pensamento. Não é possível a abertura do homem ao ente quando se continua em um âmbito de pensar que seja sempre fechado e tente enquadrar os mesmos entes. A abertura requer um pensamento que a permita, um pensamento capaz de abarcar sempre mais da existência – inclusive o inominável, incomensurável e incontornável. Tais características do pensar Heidegger encontrou no pensamento poético. Tal fato mostra, então, uma necessidade concreta, ao invés de um refúgio em linguagem não demonstrável (considerando que a preocupação com uma demonstração que clarifique o ente, é uma busca característica do pensar calculador).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar em considerações finais é algo impróprio quando tratamos do pensamento que quer abarcar mais que a realidade simplesmente dada (meditativo que vai “além” do calculador). O que fazemos é tentar acentuar algumas ideias que se nos aparecem ao longo da reflexão desenvolvida. O que se deu é o pensamento de Martin Heidegger sobre determinado âmbito de questões – pensamento que, depois de ter vigorado junto a seu autor, torna-se estático (objeto), diante de quem pesquisa. Refletir sobre as ideias de um autor, mais que simplesmente entender o modo como os conceitos se relacionam, é tentar adentrar no âmbito que o possibilitou – âmbito de pensamento. O desafio foi o de não acabarmos por realizar com o objeto aquilo que foi apontado como caminho desvio (pensar calculador).

Sob diversos ângulos, a filosofia heideggeriana desperta grande interesse nos estudiosos de diversas áreas, por conta das análises que realiza, revolvendo elementos do pensar que acabam passando sem serem percebidos pelo olhar desatento. A ideia de “revolver” leva o pensamento para a imagem daquele que escava a terra. Revolver os fundamentos é escavar para encontrar o que há de sustentação. Este foi o caminho seguido neste texto: buscamos escavar o solo do pensamento característico do Ocidente, a fim de encontrar ideias que podem aparentar serem detentoras da verdade quando, na verdade, são desvios – “o perigo de o verdadeiro se retirar do correto”. (HEIDEGGER, 2001b, p.29)

O âmbito do pensar heideggeriano é o do resgate de uma meditação filosófica que percebe a realidade como manifestação do ser – este, que se dá e se retira, fazendo com que os entes nunca estejam plenos no contato com o homem; isto abala a ilusão de que o mundo seja apenas o mundo humano, da interpretação humana. Para tanto, o entendimento da ciência como cálculo da realidade mostrou a relação homem-ente como em constante desgaste, ao fazer do ente um depósito de matéria que deve estar sempre disponível. Neste contexto, o homem se perde na obrigação que reconhece para si de produzir mais e mais; “o homem é arremessado ao nível dos entes simplesmente dados, destituído, portanto, do modo de ser especificamente humano”. (ABDALA, 2017, p.127)

Pensar a destruição/desconstrução da história da metafísica (tradição) é uma maneira de rever as bases do pensamento científico. Neste intuito, o autor abre caminhos para que seja questionado o modo segundo o qual o homem está diante do ente na totalidade (natureza), que se desdobra para o questionamento do pensar calculador e de sua respectiva linguagem. Trata-se de colocar sob escrutínio a recepção dos entes pelo homem. Neste sentido, ao longo deste texto, verificamos de que maneira o autor, além de desmontar a linguagem e enxergar nova realidade, propõe nova postura, que chamou de “serenidade”. “Quando a serenidade para com as coisas e a abertura ao mistério despertarem em nós, deveríamos alcançar um caminho que conduza a um novo solo”. (HEIDEGGER, 2000, p.27)

BIBLIOGRAFIA

ABDALA, Amir. *A morte em Heidegger*. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

FOLTZ, Bruce V. *Habitar a terra: Heidegger, ética ambiental e a metafísica da natureza*. Trad.: Jorge Seixas e Sousa. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. *Heidegger urgente: introdução a um novo pensar*. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

GLEISER, Marcelo. *A ilha do conhecimento: os limites da ciência e a busca por sentido*. 2a.ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

GUERRA, Jorge Acevedo. “La frase de Heidegger ‘la ciencia no piensa’, en el contexto de su meditación sobre la era técnica”. *Rev. Filos.* [online], 2010, vol.66. [pp.5-23]. ISSN 0718-4360. Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-43602010000100001, Acesso em: 15 de junho de 2017.

HEIDEGGER, Martin. A coisa. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaaios e conferências*. Trad.: Emmanuel Carneiro Leão; Gilvan Fogel; Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2001a. [pp.143-160]

_____. A questão da técnica. In: _____. *Ensaaios e conferências*. Trad.: Emmanuel Carneiro Leão; Gilvan Fogel; Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2001b. [pp.11-38]

_____. Ciência e pensamento do sentido. In: _____. *Ensaaios e conferências*. Trad.: Emmanuel Carneiro Leão; Gilvan Fogel; Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2001c. [pp.39-60]

_____. “... poeticamente o homem habita...” In: _____. *Ensaaios e conferências*. Trad.: Emmanuel Carneiro Leão; Gilvan Fogel; Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2001d.

_____. O que quer dizer pensar?. In: _____. *Ensaaios e conferências*. Trad.: Emmanuel Carneiro Leão; Gilvan Fogel; Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2001e. [pp.111-124]

_____. *Introdução à filosofia*. trad.: Marco Antonio Casanova. São Paulo: Martins Fontes: 2008a.

_____. *Parmênides*. Trad.: Sérgio Mário Wrublewski. Petrópolis: Vozes, Bragança Paulista: USF: 2008b.

_____. *Serenidade*. Trad.: Maria Madalena Andrade; Olga Santos. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

_____. *Ser e tempo*. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas: Fausto Castilho. Campinas: Unicamp, Petrópolis: Vozes, 2012. [edição bilíngue]

_____. *Sobre o humanismo*. Introdução, tradução e notas: Emmanuel Carneiro Leão. 3^aed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2009.